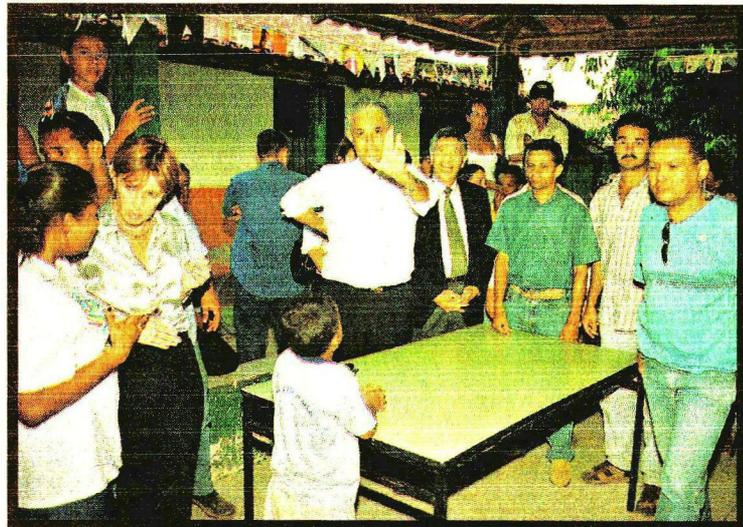


# Kit para invasores

25/07/03

Edson Gês



RORIZ NO VARJÃO: PROMESSAS PARA ACALMAR INVASORES REVOLTADOS

Rodrigo Hilário  
Da equipe do Correio

**A** receita é simples: pão, água e senha para lote. Essa é a oferta do governador Joaquim Roriz para os 4 mil invasores que desde o último sábado tomaram conta do Setor de Indústrias de Ceilândia Norte. Ele chegou à invasão às 15h30, escoltado por PMs e seguranças particulares. E discursou para a multidão acampada no terreno de 200 mil metros quadrados.

Em seu discurso, feito em um palanque improvisado em cima de um carro de som, Roriz prometeu terra ao povo. De quebra, garantiu a distribuição de seis mil sanduíches e dez mil copos d'água. O lanche oferecido pelo governador chegou às 21h em dois caminhões. "É uma atitude nobre do governador, que está matando a fome e a sede de quem está aqui", agradecia o invasor Joaquim de Souza, 27 anos, ao receber a refeição.

Em mais de uma passagem, Roriz falou em doar lotes. "Nunca neguei lote. Já dei a mais de 140 mil famílias. Chegou a hora de vocês". Só não disse onde ficaram os retalhos de chão. E disse que era fundamental a saída das pessoas da invasão. Em seguida, prometeu assentar as famílias em locais mais adequados. "Tem alguém por acaso que gostaria de morar na Cidade Ocidental? O GDF tem cinco mil lotes lá".

Roriz pediu prazo para distribuir os lotes. Garantiu que, após oito ou dez dias, os terrenos seriam entregues. "É muito tempo. Já esperamos demais", gritou o funcionário público Sebastião Carmo de Sousa, 40 anos, inscri-

to no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF (Idhab) desde 1986. "Estou em Brasília desde 1980, moro de aluguel e tenho que sustentar mulher e quatro filhos. E ele quer que eu espere mais!", indignou-se.

Roriz passou, então, a falar da entrega de senhas, que assegurariam o pedaço de chão. "A senha já dá a garantia. E vão ser entregues nas barracas". Inicialmente,

## LANCHE RORIZ

### 6 MIL SANDUÍCHES

*foram distribuídos para os invasores acampados no Setor de Indústria de Ceilândia*

### 10 MIL COPOS DE ÁGUA

*fizeram parte do lanche doado por Roriz*

sugeriu que a distribuição fosse feita a partir de hoje. "Para não ter risco, começa a distribuição amanhã (hoje) cedo. Vocês voltam para as barracas, ficam quietos, e esperam. Não estou pedindo a ninguém para sair".

Porém, voltou atrás. "Vamos entregar (as senhas) hoje. Todo mundo volta para as barracas, que nós vamos trabalhar a noite inteira". Em seguida, uma con-

tradição: "Se vocês quiserem me dar um voto de confiança, na hora que receberem a senha, desmontem a barraca e saiam! Quem está falando é o governador!", anunciou.

## "QUERO MEU CANTO"

**C**omo em outros movimentos populares, há necessidades e aproveitadores na invasão de Ceilândia. Difícil desconfiar da miséria em que vive a dona-de-casa Elaine Dantas de Oliveira, 18 anos. Mãe de dois filhos — um com seis meses, outro com um ano e meio de vida. "Morava de favor na casa da minha sogra, em Samambaia. Quero meu canto", disse ela, com o caçula Jonathan sugando-lhe o seio esquerdo.

Elaine chegou à invasão de Ceilândia na manhã do domingo, com o marido, o desempregado Jonas Fernandes, 37, e o filho mais novo. Cercaram o lote de 50 m<sup>2</sup> com ferro-velho. O pedaço de chão já abriga uma espécie de oca em armação metálica. Arremedo de residência, que Elaine julga será sua para sempre. "Só falta cobrir com a lona. Depois, é só esperar que o governo dê a escritura do lote. Aí, fico tranqüila para criar meus meninos."

A outra face dos invasores não pode ser vista. Apenas ouve-se rumores de gente que foi ao local para fazer corretagem de espaços, vendidos a R\$ 30, R\$ 40, R\$ 50. São grileiros de invasão. "Tem um pessoal guardando lugar para vender depois. É gente que se aproveita da miséria alheia", disse uma senhora, que não quis ser identificada. (colaborou Paola Lima)